

# ...Alívio da Alma...

Bruno Grossi



A dor das palavras  
é o Alívio da Alma”

## O Escuro

Na poesia há tristeza  
Ela amarga  
Ela fere

Uma febre  
Vertiginosa  
O consome

Teu corpo sai  
Das entranhas das palavras  
Uma poesia feita de dor

Imóvel, estática  
Como o labirinto  
Dos incompreendidos

Sem dizer o seu nome  
Sem fugir dos seus pensamentos  
O abismo o aguarda  
Desumanizando a solidão

O escuro o trai  
Como uma pedra  
No deserto melancólico  
De seus versos

## O silêncio

Silêncio...

Eis que sinto a pulsação do corpo

Meu peito pulsa como um tiro de melancolia

Meus olhos se fecham

Sinto meus pés se distanciando do chão

Meu corpo se esvai

Por entre as cores dos céus

E minha alma flutua

Perpassando a imensidão

**O reino para além**  
Elegia à Florbela Espanca

Espero... espero  
De flores belas  
De saudades e dores  
Em meio a um negro dominó  
De lágrimas  
A beleza do amor  
Que triste a permeia  
Num tormento ideal  
Como um livro de mágoas  
Sua alma trágica e doente  
Como um soneto ao vento  
Angustia, despedaça, duvida  
Tropeça em sombras  
E em mãos vazias  
Numa crise existencial  
Numa tênue luz  
Consumindo o seu próprio espírito  
Num insaciável amor

## **As horas de Voyeur**

Vejo as luzes se apagando  
Os olhos se tocando  
Como uma música nos meus ouvidos  
O toque delicado  
O ato viril  
De um casal em chamas  
A janela como espelho  
De um calor sorridente  
Como flores na primavera  
As cores se anunciam  
7 toques, 7 vidas, 7 cores  
Dois corpos e pelos nus  
O encontro fálico de seus membros  
Uma imagem que desperta o interesse  
O fim imprevisível  
As horas de voyeur

## O limite

Eis que surge o limite  
O limite da vida  
A agonia da alma  
O segundo ínfimo  
Da dor do passado  
O momento retrátil  
Do último suspiro  
O alcance fugaz  
No caminhar enfraquecido  
O corpo molhado  
De esforço e ingratidão  
Os olhos inválidos  
O coração vital  
O sangue vívido  
De um ato vital

**A menina**  
Elegia à Lygia Fagundes Telles

De mãos atadas  
Uma mulher por seus direitos  
A harmonia de palavras  
Sobre o mundo, sobre a vida  
Pontadas em um coração  
Como um forte golpe de esgrima  
Em um país duro, gasto  
De enfermos corpos vazios  
Sua alma descansa em seu lar  
Sua memória, suas lembranças  
Uma ciranda de vertentes  
O sentido da maturidade  
Exala a serena sabedoria  
De esperar a límpida  
Vocação de escrever  
As solidárias palavras  
São como ver o pôr-do-sol  
Em um imagético muro  
Ludibriado pela fantasia  
De viver



## **Caminho das pedras**

O sol brilha na manhã  
Através de meus braços  
Mostra-me os horizontes  
E meus ancestrais

Há flores vivas na janela  
E o tempo a flutuar  
Lá fora o dia clarea  
E um novo sonho acontece

A água corre pelos rios  
Onde cobras são aves  
Onde a estrada é real  
E as trilhas de terra

O caminho das pedras  
Enrijecendo o acreditar  
Lavando a alma  
Fortejando o coração

## **Liberdade**

A euforia diurna  
Tão logo desperto-me  
E meus ofuscados olhos  
Se acendem  
A brisa leve  
O empurrar das nuvens  
O assobio do vento  
Em meus ouvidos  
Dispõe-me à verdade real  
Em meio ao verde ácido  
Da alarmante liberdade  
O frio em minhas mãos  
E uma caneta como incêndio  
Flores vislumbradas da manhã  
Num passo de baile  
O sol regressa  
Em meus fugidios olhares  
Parece-me solitário  
Mas é a pura liberdade

## **Absorto**

Absorto  
No suor dilacerante  
Ao extremo pesar da poesia  
Onde dói, onde divaga  
Um desconcerto mental  
Que não cede  
Nem nunca pára  
Nem desfalecido de morfina  
No corpo um fardo  
Por alimentar em letras o sentido  
Nem tintas em demasia  
Nem lágrimas no leito  
Afoga-se em palavras  
Tão doces e pesadas  
Como da verdadeira  
E sincera poesia

## O tempo

Não me canso de escrever  
Nem de pensar  
Como uma metralhadora  
Inebriante de incertas  
E desejosas fontes  
A chama que mata  
É a mesma que enaltece  
O saborear da vida  
Em repletos frenesis  
Outrora guardiã  
Outrora vilã  
Duas faces, duas rotas  
Em um pálpito inocente  
Que já fostes tão amargo  
E agora puro  
Acalanta o sofrer  
Em sabedoria

## **Espúrio**

O galgar dos passos  
E um toque suadouro  
A setilha engasgada  
Ao entardecer  
O zombeteiro falso  
Num cético sorriso  
Peremptório  
No solar da majestade  
Os tambores findam os versos  
Em finórias palmas  
Extasiando os reinos  
No espúrio da noite

## Glosa

Em quantas palavras  
Escrevo as páginas da vida  
Mentes flutuantes  
Ao pesar do amor  
De viver a reentrância  
Num altero saber  
O amor primeo  
O atemporal amor  
De vidas sinceras  
De vidas vazias  
De tristezas e angústias  
De versos reprimidos  
O anódino futuro  
Corações vivórios  
Repartidos em alegria  
No culto viver do presente  
Em meio ao mistério madrugoso  
De dia após dia  
Num pomposo caminhar

## Haiti

Prata... é como o vejo  
O claro brilho inocente  
De toda uma lágrima

Branco como neve  
De encontro com o mais  
Forte contraste com da pureza

O negro luto se encaixa  
Por toda solidão  
De um triste mundo

A esperança turva  
De cores que nem sei o nome  
Se desgasta

E o vermelho  
Cobre o mar de pedras  
Por sobre os corpos

## O Sonho Torto

Eis que vejo um sonho torto  
Covarde, voraz e calado  
Um sonho triste  
Permanecente do futuro

Estrelas que se perdem  
Em pequenos olhos cegos  
Na calma do pensamento  
Que não teme a cura

O claro vazio nos permite  
O ofegar das horas vagas  
O extermínio dos corpos fechados  
O abrir das mãos vazias

O caminhar na estrada escura  
O medo e a penumbra  
Os passos no triste impacto  
Dos sonhos que descobrem os dias



## **Escriba**

O que esperar  
De tintas e pontas  
De pena num papel  
Que não se pauta  
Como num pensar

De olhos mordazes  
E pétalas de orvalho  
Cáidas em vinho  
Cor de sangue  
Nas pálpebras  
De um brindar?

O levantar de um gole  
A dor maleável  
Que se torna tênue  
A um diáfano olhar

**A sombra**  
Elegia à Augusto dos Anjos

Eu  
De alma insígnica  
Um suor fônico  
De encontro com a morte

Melancolia transmutada  
Num ardênico olhar  
Coração ilusório  
E um ar de sofreguidão

Eu  
De almas perdidas  
De vidas caídas  
E ávido pensar

Na noite me encontro  
Na madrugada me alimento  
Nos dias vou-me embora  
E na sombra eu me deito

## **Angústia**

Outrora  
Na visibilidade da alma  
Meu peito  
A calma  
No silêncio  
Eu deito  
E choro

## **Meia noite no inverno**

O homem mata  
O corpo treme  
A mão navalha  
A dor poente

O tempo cura  
A calma é dura  
No ludibriar  
Da alma impura

## **A noite fria**

As mãos fálicas  
Cálidas, gélidas  
E profanas

Um rosto dilacerado  
No púlpito terror  
Da eloquência sacra

Os pés descalços  
O rastro obstinado  
A fúria mental

Os olhos sórdidos  
Frases malsoantes  
Alienação mútua

Ventos secos  
Gestos ilícitos  
Sombras mórbidas

Devassos toques  
Passos largos  
E um quixotesco amor

...

Há dias difíceis  
Desenhados no percorrer  
Das lágrimas  
Que vão de encontro ao peito  
Nos linfáticos olhos  
Coração lacunar  
Pensamentos fluidos  
No esmaecer das horas  
A lua permeia o olhar  
A chuva umedece  
A estrada vazia  
E o caminho cheio de dor

## **Adeus**

A vejo sorrindo  
Como se não o quisesse  
Sua mão em sua testa  
Franzida e suada  
Como quem sua  
Num estado fatídico febril  
Eu me deparo com o seu olhar  
O olhar insano de quem  
Não precisa mais viver  
Tuas pálpebras descem lentamente  
Como se estivessem  
Profundamente sonolentas  
Uma lágrima escorre  
Como uma única palavra...  
... adeus ...

## **Um coração oprimido**

Elegia à Augusto Boal

O dia que se vai  
Ao derradeiro leito impermeável  
Um corpo, um monólogo  
Um coração oprimido

O peito aberto para o povo  
Uma arena em chamas  
Devaneios sociais, políticos, outrora  
E a arena continua em chamas

Representação mútua  
Lágrimas insanas  
Sorrisos claustrofóbicos  
Um insubstituível coração



## **Desilusão**

Os ventos da era doce sagrada  
Trazem lembranças do fastio  
Os sinos tocam às seis da tarde  
E eu me deito no jazigo  
As cores do meu corpo  
Os brilhos dos meus olhos  
São cartas que se despedem  
Do revoar da vida  
Como um velho suicídio  
Ou um corpo iluminado  
Um sonho transfigurado  
Com um cheiro podre

## **O Caminho**

Os pés descalços  
Impermeabilizados pelo sangue  
Feridos e impotentes  
Como as folhas de outono  
Ou o brilho da primavera  
A saudade o permeia  
O contradiz, o emputrece  
O caminho sem volta  
A plenitude do olhar  
Inóculo e obscuro  
Das pedras do caminhar

## O som do silêncio

Meus olhos estão tristes  
O vermelho do sangue  
Parece névoa a neblina  
Caminhos opostos  
Horas desiguais  
Não tem para onde seguir  
Nem para onde olhar  
A escuridão me devora  
O chão se abre  
E as tormentas soam  
Ouço a canção mais bela  
O som do escuro  
O som do nada  
O som da morte  
O som do silêncio

## O som do trovão

As luzes estão apagadas  
Não vejo nada  
Ouço o gotejar da chuva  
Ecoar por entre a serra

O verde transforma em negro  
O azul transmuta em cinza  
E o simples clarear dos raios  
Suspiram como trovão

Gritos, sussurros e espasmos  
Ensurdecem o olhar  
Revigoram o calejar das almas  
Num perdido caminhar

Galhos vazios  
Como um corpo pedindo frente  
Abraçando os dias  
Correndo como o vento

## Do outro lado

Quero que se vá  
Quero que me largue  
O vazio escuro  
Que invade meu peito  
Corrói por entre as horas

A noite não passa  
Não consigo dormir  
A lembrança me dói  
Sinto sua falta  
O vejo todas as noites  
Ao fechar dos meus olhos

As lágrimas me cegam  
E me faz lembrar  
A dor da perda

**As 7 faces**  
Elegia à Carlos Drummond  
de Andrade

Um corpo cai  
Pela frígida alma  
Que tropeça em teu ser  
Uma pedra  
Um coração  
As mãos dadas  
Pela angústia  
As 7 faces  
As 7 pedras  
Um sentimento  
Pelo escasso mundo  
Um vestido  
Um prego  
À espera  
De um amor  
Eterno

## O sonho

Os sons que me calam  
O medo de prosseguir  
O intelecto quebrado  
O sonho cortado

Severos dias oblíquos  
Momentos de dor  
O calor nas horas de frio  
As dores que vem do riso

Os dias infames que vejo  
Os olhos que me apedrejam  
O mais sábio segredo  
Nos sonhos que nunca mais tenho

## O gorjeio da alma

A noite cai  
Meus olhos serrados ao alto  
Vejo o que os olhos  
Não poderiam ver  
À luz do dia

O silêncio  
Os passos na calçada  
A luz que perpassa  
Por entre a janela

A triste rua  
O corpo vazio  
O olhar cego  
E a voz temporã

Eu olho para o lado  
E vejo o futuro  
A alma pura e secreta  
A luz que gorjeia  
Na mais bela flor



**A falta de luz**  
Elegia à Rimbaud

A poesia é triste  
Mas não mata

Os teus olhos  
Surrados pelo mundo

Uma cicatriz  
Que já não mata

Um corte profundo  
A falta de luz

## Incrédulo

Vejo a noite pela janela  
Como quem vê o envelhecer da alma  
Observo a calmaria  
O choro dos infelizes  
O brilhar da madrugada  
O sopro no olhar  
E não vejo ninguém  
A TV não sintoniza  
O rádio já não fala  
O cérebro não mais pensa  
A luz da vela me atrapalha  
México, Israel  
Palestina, Iraque  
Já não tenho mais notícias  
Já não me importo mais  
Estou cego, estou surdo  
Em que me transformaram?  
O que eu me tornei?  
Já não entendo mais  
Fecho os meus olhos...  
Adeus

## **A Palavra**

A palavra que se fala  
O olho que se vê  
A boca que não sente o gosto  
Cabeça que se entende  
Entende o que se pensa  
O pé que já não anda  
A língua que se sente  
O braço que abraça  
A mão que já não escreve  
O jeito que se vende  
A venda que se paga  
A grana que já não compra  
O corpo que se fala  
O toque que se sente  
O dedo que já não toca

## **Evanescer**

O tempo está curto  
E a vida se prolonga  
Tempos difíceis  
Para um novo jogo  
Terra em transe  
Momentos de dor  
Momentos de penumbra  
E um só calor  
Calor de viver  
De amar  
E ver que um dia  
Tudo irá acabar

**Íris**  
Elegia à Íris Murdoch

Tuas mão  
Perplexam a noite  
Peroxidam a alma

Os passos na estrada  
A chuva cai  
Sem dizer o seu nome

As poças se reúnem  
Para um pequeno altar  
As pequenezas se proliferam

Os olhos  
Afastam-se ao amanhecer  
O segredo cai

A máscara se entristece  
E um corpo  
Há de enlouquecer

## **Pétalas Negras**

Oh pétalas negras  
De rosas deslumbradas  
Viis ao delirante crepúsculo  
Que permeia o teu olhar  
Fazei das palavras  
Uma arma, como a poesia  
Que distrai os fósseis olhares  
Caídos e cobertos de sangue  
Corroídas palavras  
Nebulosas mentes  
E tempestuosas mãos  
Guardai os sentimentos do mundo  
Fazei a súplica do amor  
Tornai verossímil a nossa alma

**O grão imastigável**  
Elegia à João Cabral de Melo Neto

Palavras que sustentam  
Como um nobre seguidor  
Em folhas de papel recém rasgadas

Frases regurgitadas  
Pensamentos soltos  
Metáforas sempre gastas

Catar a alma  
Saborear o incomível  
Absorver o feito

Catar feijão  
Catar o indigesto  
Catar Cabral de Melo Neto

Semear o dito  
Colher o inefável  
Degustar  
O grão imastigável

## **Perecível**

A casa está vazia  
Sinto corpos invadindo os corredores  
Prezo pela liberdade  
Pela paz de espírito e coração  
Sinto o fluxo do vento penetrando em meus  
ouvidos  
Meu cérebro parece não mais pensar  
Corrosiva reflexão  
Olhos famintos de ódio e ingratidão  
Consumir a peça que nos é dada  
é como não sentir o sensitivo  
é como não chorar o degradante  
é comer o não faminto  
é o amor latente sem doer  
é a paz de estar morto



## **A irmandade das flores**

No alto da serra  
O vento uiva como lobo  
Nas pedras, nas flores  
O semear da vida  
A aurora dos tempos  
Um corpo caído  
O ofegar dos olhos  
Na vertigem dos dias  
Um olhar fugidio  
A esperança vazia  
A fronteira distante  
E um caminho perdido  
O tilintar dos dedos  
O estender das mãos  
O medo, o sopro  
No coração o surto  
O mal arredio  
O pensar extremo  
O frio aquecido  
A fuga do calar  
As flores oferecidas  
O abraço verossímil  
A condição humana  
A irmandade das flores

## **Eu tenho Medo**

É o vazio que invade o peito  
É a loucura que alimenta o medo  
É o universo sem o desespero  
Sono profundo que não tem sossego  
Eu tenho medo do meu caminhar  
Eu tenho medo do meu sussurrar  
Eu tenho medo é do meu chorar  
Eu tenho medo que é pra me cuidar

É o desespero que me rasga o peito  
É essa chuva que provoca medo  
É a vertigem que não tem mais jeito  
É a verdade sem o exagero  
Eu tenho medo só de me olhar  
Eu tenho medo do meu levitar  
Eu tenho medo de me encontrar  
Eu tenho medo do meu despertar

## Fala

O fluxo do ouvido está travado  
Não ouço, mas escuto o que eu falo  
Vejo o que não posso  
O que se preza  
Não mata, não dorme, desespera  
O gosto do silêncio está fechado  
O grito do sufoco está calado  
Calmo, vivo, não enxerga  
Já não come, não engole  
Espera  
O homem que não pensa está ferrado  
Ferrado pelo corpo  
Pelo ato  
Não pensa, descansa  
Não se cala  
Como mero semelhante  
Não entala  
O olho do umbigo já não fecha  
A boca do sussurro já não fala

## Cactos

A sombra me persegue  
Sob a névoa  
Não consigo me mover  
Sou incompreendido  
Preso em um muro  
Ou em meu próprio pensamento  
Meus olhos já não fixam em algum lugar  
Como a lua para pra te olhar  
Estes vilipendiados olhos  
Doem, choram e imploram  
Para que fiquem sós  
Não consigo me livrar  
Do infortúnio calar  
Sinto pessoas a me olhar  
Como um animal devora  
A sua insípida carniça  
Creio que irão matar-me  
Sinto-me desprotegido, frágil, inútil  
Sinto-me sem amor, sem dor e sem desejo  
Já não sei o que fazer  
Procuro a solidão  
Para que a minha trágica energia  
Não contague as pessoas.  
Para que o meu olhar

Não cruze com os demais  
Assim terei meus próprios sentimentos  
Meu próprio coração  
Que a cada despertar  
Encontra o silêncio  
Estou surdo e cego  
Estou inválido  
Submeto-me ao inoportuno desespero  
Ao incômodo calar  
Viver agora dói  
Não mais a quero

## **Mulher**

A flor que um dia chorou  
Perfuma uma nova mulher  
O tempo em que silenciou  
Não sobrou um vestígio sequer

Nos olhos, nos beijos e abraços  
Uma forte mulher ficou  
Em braços de ferro e aço  
Nos mais belos dias gritou

Sou forte, sou estrela e lua  
Por mais que pareça nua  
Sou honrada em dizer-lhe não

Sou glória, sou vida e futuro  
Por mais que eu esteja no escuro  
Eu tropeço, mas não caio no chão

## Últimos Minutos

Para meu pai

Eu vi você  
Parado ali  
E me deu sua mão  
Eu o toquei  
Não mais o vi  
Na escuridão  
Quando penso em te falar  
Sobre meu coração eu volto atrás  
Eu não pude te mostrar  
E uma gota caiu do seu olhar

Eu não posso ver  
Você aqui  
Só uma solidão  
Um sorriso para mim  
Um brilho, um olhar  
E um só coração  
Mais um gesto, um olhar  
Em uma chance fazer você amar  
Sua vida, seu lugar  
Em uma estrada eu vou te encontrar

## **Sonata do Males**

Elegia à Beethoven

Doravante há o crepúsculo  
Um solar vespertino  
Na dádiva de um gênio  
Com o olhar cântico

Uma serena dor  
No alumiar das velas  
Uma mão trêmula

A alma pútrida  
De um notório ser  
Causticante como o sol

O vento  
Como o sopro dos Deuses  
O silêncio há de envolver  
Sua alma ao cantar

O ego  
A mágoa diluída  
A volúpia sonora  
A sonata dos males



## **De que me importa ser um rato**

De que me importa ser um rato  
De cores limpas sem compaixão  
Dócil, adestrado, mas de vísceras ao chão

De que me importa ser um rato  
Seja livre, de bigode ou não  
Ágil, num jardim de patas ao chão

De que me importa ser um rato  
De dentes afiados para um mundo de cão  
Sem dor, fome ou sofreguidão

De que me importa ser um rato  
Criado em casa, no frio ou no porão  
Se penso, falo, dito, lamentação

De que me importa ser um rato  
Se vivo para mim e não para a multidão  
Se causo repulsa, fomento ou não

De que me importa ser um rato  
Visto como tolo pelos cidadãos  
De que me importa ser um rato  
Sou apenas um artista na escuridão

**Clarice**  
Elegia à Clarice Lispector

Da janela a vejo  
Como uma simples estrela  
Que espera sua hora de brilhar

O intervalo  
É como uma oca alma  
Aguardando sua própria morte

Pobre claridade  
Pobre Clarice  
De alma tão amarga  
E mãos tão doces

Uma timidez ousada  
Que afaga o pensar

Flores de outono  
Flores de inverno  
Flôr-de-Lis em seu peito  
Esperando o amanhecer

## Ventura

Sonhos! Delírios! Vomitam verdade  
No esgotar das horas tristes  
O esgazear que já existe  
Nos olhos que permanecem com a idade

O corpo que esfria em demasiado desalento  
Esvai-se do espúrio da morte  
Ofegando em teu peito um forte  
Do mais enfermo pensamento

Eis que sinto um tormento  
Por mais que eu tente um lamento  
Nos teus olhos a solidão

A esperança me parece pura  
Na sombra não acho a cura  
Acolho-me em meio tufão

## Vermilhões

Famigerados dias vazios  
Incrédulos, incultos  
Ocultos nas devassas  
Um andar engatinhado  
Engatilhado de podridão  
Doentes, cansados  
Ingratos, vedentes  
Vertentes poluídas  
De ódio e ambição  
Corroídos e exagerados  
Emaranhados vermelhões  
Inaudíveis, inoculares  
Letárgico coração

**A madrugada**  
Elegia à Antonin Artaud

A madrugada fria e escura  
O sussurro de uma noite  
O histerismo de mais um dia

A negritude devassa cai sobre  
O manto de um morto  
Um morto sempre vivo

O calmo vazio inverno  
Retrai o seu corpo  
Em um terno olhar de desgosto

O resplandecer dos passos  
A alma vangloriosa  
Na mais melancólica  
Madrugada

## **Croma**

Os olhos se abrandam  
Pelo semear da noite  
Onde os lábios da dor  
Decorrem sob os céus

A transcendente ternura  
Das asas caídas  
Impermeabilizam o chão  
Que assim os pés caminham

Farpas e corpos  
Surto e ecos  
Corrompem o caminho  
Nos esquecidos lugares

Perdas sagradas se tornam  
Os olhos do incompreendido  
Os sintéticos dias cromáticos  
Dos mais longos dias

## **Próprios Passos**

Atrás da porta  
Escutando o tédio comemorar  
Mais uma vida que deixou pra trás

De olhos fechados  
Tão extremos  
Vejo um deserto procurar o céu  
Que ele deixou

Anjos caídos  
Procurando almas retorcidas  
Que se despediam dos céus

Comemoram  
Como cães sarnentos  
Que se livram das suas mentiras,  
Suas verdades

Com os próprios passos  
Caminhando em círculos  
Escuros como eu sempre quis

Pra fugir dessa tristeza  
Que invade o peito  
De quem não mais  
Quer viver em paz

**Fenicismo**  
Elegia à Nietzsche

Ah...  
Onde se encontra  
O trágico super-homem  
Que avisto desembarcar  
Na insustentável leveza do ser

No qual insiste em retornar  
E retornar  
E retornar  
Nas mentes fálicas  
Que sustentam a ingratidão

A música da vida  
Nas mãos de um insultor  
De almas vazias  
Que toca o coração dos aflitos  
Para além do bem e do mal



## Corpo

O cheiro do gosto da calma  
O olho que teme ao ser  
O leito do corpo que mostra  
O Choro da alma que vê

A ponta do passo que solta  
As horas do corpo que cai  
O jeito perdido que seja  
Da fala que agarra e não sai

O gosto da alma vendida  
O cheiro da insípida carne  
Nos dias que passam e não veem  
O mundo que vive e não vale

A tela do homem que mostra  
O olho covarde de ser  
E as horas que nunca se passam  
Um corpo não pode fazer

## **Dias Estranhos**

Os dias estão chegando  
É hora de se entregar  
Reformule seus conceitos  
Reestruture suas ideias

**Olhos Negros**  
Elegia à Virginia Woolf

Teus olhos procuram  
Uma pequena saída  
Procuram um mundo  
Um próprio mundo  
A desvendar

Entre almas e vidas  
Entre a sanidade e o ilusório  
Encontra a paz da loucura  
Em seu leito, o corpo calado  
De sua pobre alma  
Exposta ao devaneio

No frio, na dor  
O calmoso caminhar  
Anelante ao encontro das águas  
Descaem como undícula  
Em sombrios e intermináveis sonhos

## **A Morte**

A água que está dentro  
O frasco que está fora  
Não passa perto da fonte  
A água que está benta  
O cálice que está morto  
Não mata nem abençoa  
Nem tudo perdido está  
Nem tudo calmo parece  
Como um corpo já desfalecido  
O sangue que espirra  
O corte já estancado  
A carne que não tão podre  
A cabeça não entende  
O corpo já não fala  
A mente que não funciona

## **Malevolência**

Na magnificência da tristeza  
Um ardor latente em seu peito  
O ressonar da madrugada  
Amargura o teu ser

Saudosa malevolência  
No arrepender dos olhos  
Lacrimados de rancor  
O consome, o maltrata  
Não perdoa sequer  
Um momento infame  
Do teu ardoroso coração

## **O Ecoar da Noite**

O ecoar da noite  
A destreza do olhar  
As mãos cálidas sobre a mesa  
e um ladino pensar  
O vilipendiado amor  
Um varão massacrado  
Enveredando ao inconsciente  
Pela vontade imprópria  
A vela, o fogo  
O mórbido calejar  
das almas que  
não param de chorar

**Sylvia**  
Elegia à Sylvia Plath

As horas me desorientam  
Eu mal consigo me mexer  
Meus olhos doem, sangram  
Uma penumbra invade minh'alma

Dormem e sorriem...  
Meus pequenos corações

Quietos e incompreendidos  
Não sabem o que há por vir  
As lágrimas me consomem  
Ao fim da noite

E o efeito gasoso  
Corrói as minhas angústias

## **Inconstante**

Espasmo olhar  
Fixo, inconstante  
No delinear da janela  
O que a poderia deixar  
Tão depressiva?  
Tuas sobrancelhas se curvam  
Teus lábios no batom  
Maquiam uma falsa alegria  
Perceptiva ao teu calmo piscar  
Seria angústia?  
Seria tristeza?  
Ou seria o teu modo de sorrir?  
Eu não sei...



## O tudo nada

Tudo que parece ser  
Nada que parece ouvir  
Nada que parece ser  
É tudo que se possa ouvir

Tudo que se passa rasteja, dorme  
Tudo que se pega mastiga, engole  
Tudo que se come vomita e cospe

O corpo já não quer esquecer  
O tombo que te faça cair  
O tombo já não pode esquecer  
O corpo tão pesado cair

O olho que não fecha se seca,  
não chora  
O choro que não seca, se fecha,  
não olha  
A boca que não fala de certo  
incomoda

## **Casa de Reboco**

Sentado em uma pedra  
Ao lado se vê a árida angústia  
Que medra em teu olhar  
Teus pés enfraquecidos  
E tuas ávidas mãos  
Dóceis e calejadas  
Um suor escaldante  
Um silencioso olhar  
Somado ao eterno calor  
Que o segue por anos de vivência  
Tuas terras não conseguem progredir  
Só sentimentos de dor e esperança  
De que um dia, o primogênito  
Adquira o conhecimento  
E a intelectualidade que  
Privaram-lhe durante a vida  
A vida que lhe consome  
A vida que lhe angaria  
A vida que lhe conforma  
Nesta terra  
Que é do tamanho do mundo

**Ríspido**  
Elegia à Frida

Intolerável, ríspido e semântico  
A aurora da vida  
E o coração cediço  
Embriagado de lágrimas

A blandície desumana  
Ofega o pensar  
Demasiado amor  
Demasiado coração

Uma vontade  
Bucólica de voltar  
Ao desejo reprimido  
Ao toque ardiloso

A arte de lutar  
A ânsia de observar  
A própria solitude  
O próprio caminhar

## **Guerra dos Mundos**

Atenção homens  
O mundo parece não mais parar  
A terra roda... roda...  
Roda ate perder as pontas  
E seus soldados, intactos...  
Intactos pelo ódio  
Mas afogados pelo sangue  
Jovens criaturas  
Lutando por um olhar  
Que não contenha lágrimas  
Somente o fruto da esperança  
Corroído pelo câncer  
Aguardam pelo colo da mãe  
Um abraço que não mais terão  
Um amor incondicional  
Um pudor pela alma  
Uma paz degenerada  
O caos  
A dor

## **O Filho**

Não sou filho da mãe  
Não sou filho da puta  
Mas se perguntares  
De quem filho sou  
Digo ser filho da pura  
Pura alma obscura  
Pura alma sem dor  
Profanos e insanos dialetos  
Dionisíacos dias de amor  
Pode se queimar no inferno  
Pode se queimar no amor  
Pode perder a verdade  
Ou pode se dar o valor

## **Tristeza Embriagada**

Elegia à Pollock

Demasiadas gotas  
Dos fóléis pincéis  
Bravamente colorem  
O louco olhar  
Da alma de um tolo

A efervescência do toque  
Na célebre pétala  
Que lhe dedica  
Por toda vida  
A incansável alma

Da tristeza embriagada  
Ao quebradiço coração  
Perpetuam lentamente  
O labirinto do amor.

## Da Consciência à Traumatização

Teus olhos despertaram  
Ao nebuloso anoitecer  
E por um instante  
Seu corpo ali não estava  
Pensou em Deus, pensou no Diabo  
Até se deparar  
Com o seu próprio pensamento, o seu próprio  
ser  
Ficou assustado, atônito, desfacelado  
Não sabia como poderia ser assim...  
Tão indeciso, tão atormentado  
Por quem?  
Não há importância  
Pois o tormento o persegue  
Desde sempre

Desistiu então de pensar no quão difícil  
Era evitar suas visões e audições  
Resolveu se contemplar  
Com o que tinham lhe destinado  
E então disse:  
- Me suicidaram. Suicidaram-me para  
um mundo diferente  
no qual não se morre  
apenas aperfeiçoa-se

a lunática mentalidade

Ao cair em sua própria razão  
Percebe que é apenas um simples  
Ser que pensa e reflete sobre os  
Seus próprios insanos e lógicos  
Pensamentos psicotraumáticos  
De suma importância  
Um ser natural que declara em  
Sábias palavras o seu ardor:

“Às vezes eu choro  
Choro por nada  
Choro por tudo  
Pareço sentir o sofrimento  
O sofrimento do mundo  
De uma criança sem estudo  
De uma criança intelectual  
Pareço sair do corpo  
Um corpo ativo  
Um corpo parado  
A alma do vivo  
Em um corpo deitado”



## **Pássaros**

Os Pássaros agora voam.  
Os Pássaros não mentem.  
Os Pássaros são fiéis.  
Os Pássaros não são gente.

## **Intrépido**

Um intrépido saltimbanco  
De um lado para o outro  
Fantasia teu caminhar  
Já se cansa, já se cala  
Não sorri e não mais ama  
Tua alma já vendida  
O teu perdido olhar  
Os teus dias tão vazios  
Teu estrado vagabundo  
Tuas roupas coloridas  
Tão rasgadas de lutar  
Pelo coração partido  
Pelo amor e pela dor  
De um dia se entregar  
E assim tão muito triste  
Perecerá

## **O Mundo Moderno**

Dias de luta  
Algo mais  
Enquanto a terra roda  
Bate as quinas  
Nos cantos da constelação

**À Livorno**  
Elegia à Modigliani

A paz angustiada  
Um silencioso olhar  
Fruições de uma vida  
Na minúcia do amor

Um amor que não chora  
Um amor que sorri  
Para a tristeza  
Para a morte

Que na epífane da alma  
Pinta teus olhos de lágrimas

## **O Séquito Amor**

O séquito amor  
A insolência mordaz  
Perpetuam a ingratidão  
A fosforescência da dor  
A inconstante razão  
Diviniza a morte  
A bravura incolor  
O invisível sofrer  
O rebuscar da alma  
O martírio ininterrupto  
O destoar da fúria  
O gozo intolerável

## **Terror**

A fornalha queima  
Ao produzir tuas palavras  
Em contos sonolentos  
Negros e obscuros  
Como tua alma  
Obcecada pelo outro  
Tua partilha de sentimentos  
Hostis e satíricos  
Como aquele sarcástico bicho  
Transformado em gente  
De patas e antenas  
Aterrorizantes  
O qual acabo de esmagar  
Com a ponta de meus pés

## Alquimia

Agora que explode todo mundo vê  
As cores bem plantadas  
Dentro do teu sangue  
Os olhos coloriram  
E as lágrimas cobriram os céus

As mãos que pareciam óbvias  
Destruíram os sonhos  
Que os homens já sonhavam ter  
E com sede de tomar um porre

O vento que soprava forte  
Trás das órbitas  
As sobras da tua alma  
E cobertos de sangue

Os dias calejados jogam fora  
Tuas pernas amputadas  
Decorrentes da sua vida  
Brava e tão enferma

## O Sonhador

No lago senta um sonhador  
Ela leva junto a sua paz  
Mostrando toda sua sabedoria  
E tudo que vem do coração  
Ele é perfeito  
Cheio de ilusões  
E como toda pessoa perfeita  
Possui imperfeições  
Conversa com os peixes  
Discute com as árvores  
Parece saber de tudo  
Da vida e dos lugares  
Lugares feitos de tédio  
Lugares feitos de amor  
Mas essa pessoa patética  
É apenas um sonhador



## Hoje

Avisto um escuro no céu  
Um céu monocromático  
As ruas fechadas despertam  
O caminhar oportuno  
De quem não chora

Vejo rostos felizes  
Habitem uma profunda dor  
A alegria brilhando no olhar  
De uma triste alma

Vejo alguns homens  
Trabalhando na construção  
Parece-me que não sabem  
O que há por além daquelas ruas

Há crianças chutando  
Pedacos de corpos  
Sem ao menos saber  
Do que se trata

Uma compreensão vasta  
Do mundo de hoje  
Ao lado vejo o sangue  
Brotar por entre as torneiras  
Eu me acalmo, tudo normal, tudo como antes

## **Não se esqueça**

O futuro está próximo  
Quando encaramos o presente  
Há dias que não sabemos  
O que realmente é certo  
Mas fazemos o que nos vem à cabeça  
Palavras, escritos, ditados, falados  
Nos mostram a cura  
E nos dão um caminho  
Siga, enfrente, dê uma razão  
Para que tudo se torne mais fácil  
É você que movimenta sua vida...  
... não se esqueça

## Tanto

A cabeça feita  
De um sonhador  
O pé andante foge  
Foge...

O suor é forte  
E tem cheiro grosso  
De prazer da alma  
Alma...

O vento é tão seco  
Seco como fogo  
Que se arde muito  
Muito...

Com um sonho triste  
Triste é humano  
Que não sabe tanto  
Tanto...

## **Pare de chorar**

Agora você não está sozinha  
Há alguém por trás de você  
Não adianta cortar os teus braços  
Isso não ajuda a viver

Por que está tão deprimida?  
Será que um dia eu posso ajudar?  
Me escute, não me abandone  
E pare de chorar

Assim você não está perdida  
É só sentir o amor por você  
Não me diga que não tem mais saída  
E agora pode então viver

Sua vida está tão depressiva  
Já não vejo mais o seu olhar  
Então me ouça, me segure  
E pare de chorar

## O Dom

Dizem que sou louco  
Dizem que sou anormal  
Chamam-me de estranho  
E dizem que estou mal  
Só por não dizer  
Só por não falar  
Só por não ter amigos  
Ou deles não gostar  
Assim fico sozinho  
Alimentando a vista  
Alguns chegam a dizer  
Que sou um louco autista  
Mas digo que sou bom  
O que não sabem  
É que tenho um dom

## **Anuviado**

Pela janela vejo o sol multicolor  
Em meio à dança das árvores  
Num nítido estágio de solidão

Um fugidio olhar  
Um olhar vazio  
De lágrimas passadas

A chance nas mãos  
A dor incapaz de se guardar  
Flórea em horas vagas

O soluço convulto na escuridão  
Escuridão noturna do silêncio  
A escuridão do abscesso

No diálogo das almas  
No brilhar dos olhos tristes  
Há esperança e gratidão

## **Autorretrato**

Chove, chove muito  
Eu sentado com as cortinas fechadas  
Meus olhos caem num pensamento  
Fraco e aquarelado  
O som que ouço  
Não me é entendido  
O frio corrói os meus ossos  
O corpo reclinado  
Como se estivesse morto  
Fraco, muito fraco  
Nos olhos cansados o tempo  
Nas paredes, telas em branco  
Cores fugidias, traços magros  
Atônito, fraco, muito fraco  
Um autorretrato  
De uma vida qualquer

## **Turíbulo**

Cansado  
Não permaneço mais  
No escuro deserto de minh´ alma  
Num lânguido passo emoldurado  
Na blasfêmia da dor  
Ó blasfêmia...  
Que perdurastes por tantos anos  
Num triste acreditar  
De minha humilde inocências  
Deslumbrado por infinitas  
Dúvidas e saberes  
Sábio aquele que enxerga  
Por além da visão  
Sábio aquele que salta  
Antes de o trem partir  
Num júbilo movimento  
No turíbulo, cinzas  
Que perfumam o novo ser  
Como dança clássica  
Num salto contemporâneo



## O portal

Sinto o cheiro de poesia  
Sinto o calor das palavras  
Imaginai a dor de quem  
As escreve tão chorosamente  
Gracioso coração de festim  
Armado da artilharia  
De frases regurgitadas  
De todos os que calam  
E se escondem  
Florescem de negros jardins  
De ruas mudas e pálidas  
Jogai ao infinito  
A dúvida do pensar  
A água que cairá  
A angústia de viver  
Para o portal que se abrirá

## **Um raro silêncio**

No badalar das horas  
Os sinos ecoam pelas ruas  
Pássaros voam como aprendizes  
De uma vida rasgada a ermo

Portas abertas  
Passos na calçada  
Volúpias do amor  
Num templo sagrado

O elixir da vida  
O mistério saber  
A maturidade humana  
Num simples olhar

Segredos de ouro  
Honras e histórias  
Em uma vida secreta  
De um raro silêncio

## Vermelho Negro

Descarrego como tiro  
Em telas feito corpo  
Em sátiras cores  
E arabescos febris  
Um sopro na janela  
Em sombras furtivas  
O vermelho negro  
De quentes sonhos  
Autobiográficos  
Pintando, sofrendo  
Fraseando apuros  
No ofegar dos dedos  
Arriscando a própria vida